

Boletim Adventista

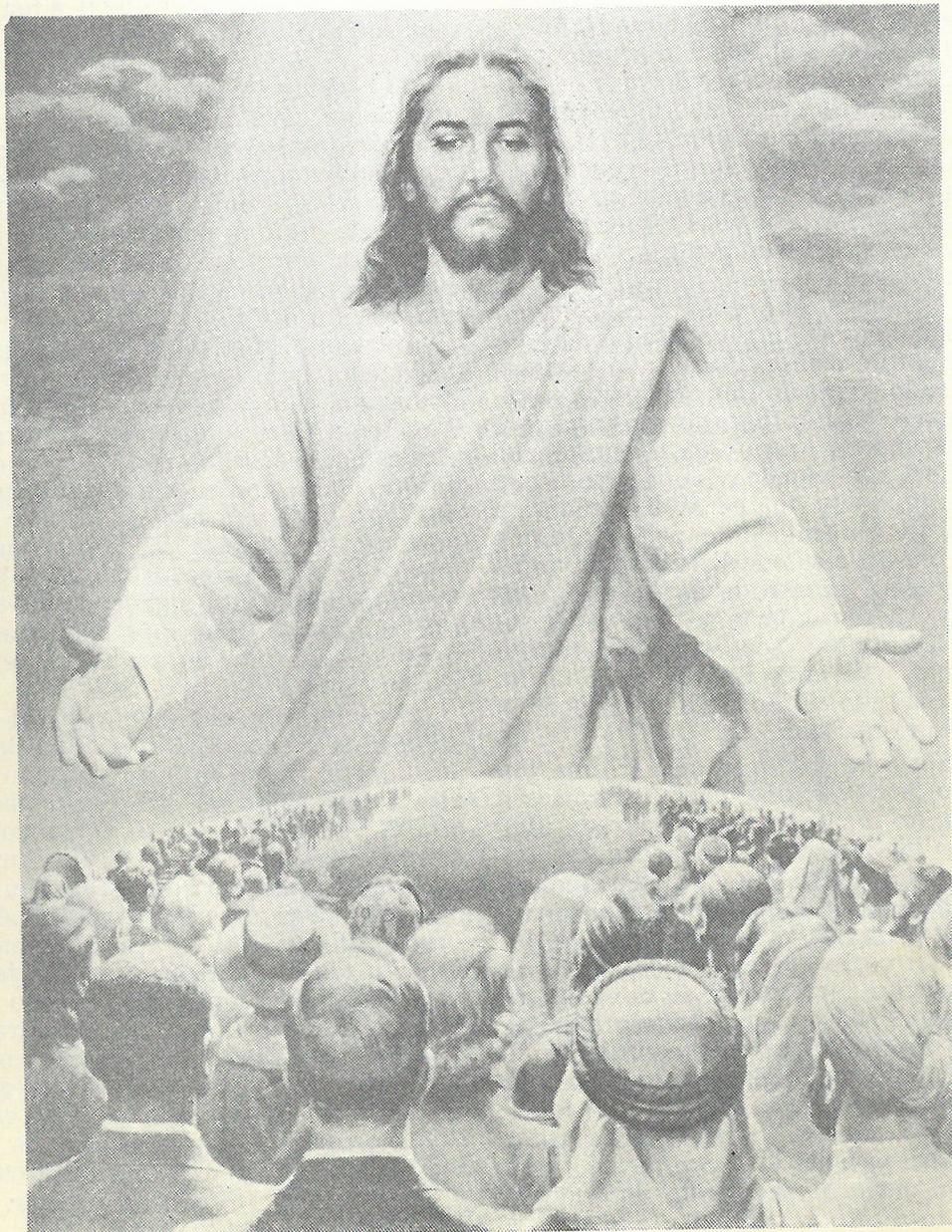
Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano IV — Número 41

Maio de 1966



O Acusador dos Irmãos

por R. R. Figuhr

Presidente da Conferência Geral

«O acusador dos irmãos» é um título expressivo dado pelo Senhor ao diabo. Ele está bem informado, porque de noite e de dia acusa os fiéis. Passa o seu tempo a buscar e realçar as fraquezas dos que fervorosamente se esforçam por seguir o seu Senhor. Notai que o diabo não é chamado o acusador dos pecadores. Ele parece deixar esta classe sem lhe tocar, embora pudesse encontrar muito que apontar nela e com muito menos esforço. Mas concentra a sua atenção nos que amam ao Senhor e que apesar das suas fraquezas e dificuldades, ardentemente se esforçam por O seguir.

Nenhuma boa pessoa está insenta dos ataques do ímpio acusador. O bom, paciente e manso Moisés não escapou. Quando o anjo de Deus chegou à sepultura de Moisés para o ressuscitar e o transportar para o Céu, o acusador ali estava aguardando-o com factos comprovativos da vida de Moisés. Não era uma lista inventada de pecados, a que ele apresentou. A lista revelava com exactidão as fraquezas daquele dirigente descuidadamente cometidas. O acusador tinha conservado um registo exacto, e ali junto da sepultura disputou o direito de Moisés a morar com os bem-aventurados.

Segundo factos reais, Moisés não tinha provavelmente direito a ir para o Céu. O seu registo condenava-o. Mas uma maravilhosa transacção tinha-se efectuado entre ele e o seu Senhor. Transacção semelhante é belamente descrita na vida do sumo sacerdote Josué, tal como aparece em Zacarias 3. Ali o acusador aparece de novo contra um homem bom, chamando a atenção para os seus erros e fraquezas.

Satanás foi porém informado de que Josué era um tição arrebatado do incêndio e mesmo ali diante do acusador as vestes manchadas e sujas de Josué foram mudadas para vestes imaculada-

mente brancas. O registo de fraquezas e pecados foi apagado e em seu lugar foi posto a crédito do sumo sacerdote um registo limpo, de obediência e pureza. A Josué disse Deus: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de vestidos novos.»

O Senhor e Seus anjos não gastam o tempo a condenar pobres pecadores e a apresentar os registos do seu passado; só Satanás e seus auxiliadores fazem isso. O Senhor e Seus ministros celestiais estão profundamente interessados em obter que os pecadores arrependidos sejam justificados e se preparem para o Céu.

Enquanto os cristãos estiverem neste Mundo, e proseguir o seu aperfeiçoamento, não escapam à acusação e à crítica. O ser injustamente criticado e falsamente acusado não é a pior coisa que pode acontecer a uma boa pessoa, isso pode por vezes constituir até uma recomendação; mas aí daquele que se une ao diabo na sua má obra. Torna-se assim um colaborador do terrível inimigo de Deus, um instrumento para a realização do próprio objectivo do diabo.

Por contraste, quão maravilhosa é a atitude do Senhor para com os Seus seguidores! Ele dá-lhes auxílio, não só através dos anjos celestes mas também através de irmãos na fé. «Quando te converteres», disse Ele a Pedro, «confirma os teus irmãos.» Pedro converteu-se e incutiu novas forças aos irmãos. Lêde suas epístolas — tão ternas, tão confortadoras, tão encorajantes! Já não fere as pessoas com uma espada como no Jardim. Toda a sua técnica no trato com os que erram se tornou diferente. Notai como ele escreve a alguns que começavam a ceder a solicitações carnaís, tornando-se assim excelentes alunos para a crítica: «Amados, peço-vos,

Continua na pág. 4

MÃE

por E. G. White

O trabalho da mãe muitas vezes se afigura, aos seus próprios olhos, sem importância. Raras vezes é apreciado. Pouco sabem os outros de seus muitos cuidados e encargos. Seus dias são ocupados por uma série de pequeninos deveres, exigindo todos paciente esforço, domínio de si mesma, tacto, sabedoria e abnegado amor; todavia ela não se pode vangloriar do que fez como de algum importante feito. Fez apenas com que tudo corresse suavemente no lar; muitas vezes fatigada e perplexa, esforçou-se por falar bondosamente às crianças, mantê-las ocupadas e satisfeitas, guiar os pequeninos pés no caminho recto. Sente que nada fez. Assim não é, entretanto. Anjos do Céu observam a mãe fatigada de cuidados, notando suas responsabilidades dia a dia. Seu nome pode não ser ouvido no mundo, acha-se porém, escrito no livro da vida do Cordeiro.

Existe um Deus em cima no Céu, e a luz e glória do trono repousam sobre a fiel mãe enquanto ela se esforça por educar os filhos para resistirem à influência do mal.

Nenhuma outra obra se pode comparar à sua em importância. Ela não tem, como o artista, de pintar na tela uma bela forma, nem como o escultor, de cinzelá-la no mármore. Não tem, como o músico, de exprimir em melodia um belo sentimento. Cumpre-lhe, com o auxílio divino, gravar na alma humana a imagem de Deus.

A mãe que sabe apreciar isso há-de considerar as oportunidades que se lhe oferecem como inestimáveis. Zelosamente há-de ela procurar, em seu próprio carácter e em seus métodos de educação, apresentar aos filhos o mais alto ideal. Com zelo, paciência e ânimo, há-de ela procurar desenvolver suas aptidões, de modo que empregue devidamente as mais altas faculdades de sua inteligência na educação dos filhos. Há-de inquirir com sinceridade a cada passo: «Que disse Deus?» Estudará diligentemente Sua palavra. Conservará os olhos fixos em Cristo, a fim de que sua vida diária, no humilde curso dos cuidados e deveres, seja um verdadeiro reflexo da única Vida verdadeira.

O DIA DAS MÃES

Celebra-se este mês de Maio o dia das mães. Essa comemoração teve origem no grande afecto de uma jovem por sua estremecida mãe.

Em 1905, Ana Jarvis, assim se chamava a jovem, de Filadélfia, América do Norte, perdera a sua querida mãe. Sentindo-se triste e saudosa, suas amigas resolveram promover uma homenagem em memória da sua falecida mãe. Ao ser consultada, Ana Jarvis aceitou a idéia mas com a condição de que o que se fizesse fosse em homenagem a todas as mães vivas e mortas do mundo inteiro.

Assim, no segundo domingo de Maio, de 1907, na residência da jovem, em reunião familiar, celebrou-se, pela primeira vez, o dia das mães.

Quão grande é o amor de uma mãe, que a constrange a não se poupar a sacrifícios pelos filhos! Pouco sabem os outros de seus muitos cuidados e encargos. Quase nada sabem dos seus dias ocupados com uma série de pequeninos deveres, exigindo todos eles paciente esforço e abnegado amor.

Quão adequado, portanto, que neste Dia especial nos dediquemos a prestar uma homenagem à nossa querida mãe.

A MINHA MÃE

Vejo traiçoeira, pouco a pouco, a neve
Invadir o negror dos teus cabelos,
Que se tornam assim muito mais belos,
Tocados pelo inverno, ainda de leve...

E me ponho a pensar que muito em breve
Hei-de sentir nova emoção ao vê-los
De mil fios de luar, alvos novos
De um tal encanto que se não descreve...

Mas culpas tu somente a Natureza
Desse ultraje sem dó, dessa inclemência
De tão cedo branquear toda a opulência

Dessas tranças de trevas? Para mim
Concorri muitas vezes, com certeza,
Para tornar tua cabeça assim.

Laurita Dias

O Acusador dos Irmãos

Continuação da pág. 4

como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnis que combatem contra a alma.» (I Pedro 2:11). Esta ternura, esta consideração pelos que erram, não a conhecia ele anteriormente. Agora em vez de ridicularizar ou descobrir faltas, ele confortava e animava.

Não é raro chegarem até nós cartas escritas por membros apontando pormenorizadamente certas faltas de membros de igreja. Por qualquer motivo, por vezes, as cartas não estão assinadas, embora as pessoas a quem se referem sejam claramente nomeadas. Talvez todos nós sejamos tentados de quando em quando a escrever tais cartas e a referir-nos a indivíduos que consideramos estarem errando, mas estou certo de que poderemos fazer muito mais e com resultados mais satisfatórios, se empregarmos o método seguido por Pedro após a sua conversão, de falar bondosa e amavelmente aos que erram.

«Vós que sois espirituais, encaminhai o tal (o que erra) com espírito de mansidão». (Gálatas 6:1).

O nosso BOLETIM deve encontrar-se em todos os lares adventistas para que os seus membros conheçam os progressos da Mensagem no Mundo.

Prezado Irmão: se ainda não assina o Boletim Adventista, faça-o, desde já.

Visado pela Censura

O Sinal do Verdadeiro Povo de Deus

por A. G. Maxwell

Há dezanove séculos, podia-se ver o povo mais religioso que o mundo jamais conheceu. Observava todos os Mandamentos do Decálogo, pagava fielmente o dízimo, conformava-se escrupulosamente com a reforma sanitária. Acreditava, além disso, que a observância do Sábado fazia reconhecer nele o verdadeiro povo de Deus. Contudo, quando Jesus apareceu, este povo votou-lhe um ódio mortal, indo até ao ponto de o crucificar.

Este exemplo trágico adverte-nos que se pode ser Adventista do Sétimo Dia, pagar o dízimo, conformar-se com a reforma sanitária, e, contudo, não fazer parte do povo de Deus. Convém, portanto, que procuremos saber onde está o verdadeiro sinal de se pertencer ao povo de Deus.

A observância do Sábado é um dos sinais que mais nos distinguem no mundo cristão. Até o integrámos no nome que distingue a nossa denominação: Adventista do Sétimo Dia. Infelizmente, poucos cristãos nos imitam nisto. Na realidade, muitos dos que nos admiram duvidam que tenhamos aceitado a doutrina da salvação pela fé, por causa da nossa persistência em observar este antigo mandamento dos Judeus.

Temos nós a certeza de trilhar o verdadeiro caminho? O facto de observarmos o Sábado significa realmente que somos o verdadeiro povo de Deus? Ou será antes o sinal de um legalismo persistente?

Nenhuma base legal

Enquanto Cristãos, regozijamo-nos por saber que não estamos sob a lei, mas sob a graça (Rom. 6:4). Estamos reconhecidos ao Senhor por sabermos isto, porque se estivéssemos sob a lei,

sofreríamos as consequências das nossas transgressões, o salário do nosso pecado, a morte (vers. 23). Mas as nossas relações com Jesus não assentam numa base legal.

Aceitamos, alegremente, a doutrina cristã da justificação pela fé. Jesus, efectivamente, é o fim da lei, o fim do legalismo como meio de salvação. Sabemos que todos os que têm a fé podem ser justificados (Rom. 10:4).

Acreditamos, também, que o amor é o cumprimento da lei (Rom. 13:8), e, submetendo-nos com alegria ao mandamento novo de Jesus, esforçamo-nos por nos amarmos uns aos outros, como Ele nos amou (João 15:12).

Mas se a justiça se obtém pela fé, se Jesus é o fim da lei afim de que todos os que têm a fé possam ser salvos, e se as exigências da lei de Deus podem ser satisfeitas pelo amor, por que observamos, ainda, o quarto mandamento do Decálogo?

O Espírito de Profecia adverte-nos de que o Sábado do Sétimo Dia será o ponto central do grande conflito que se vai desenrolar entre o bem e a mal. Mas também sabemos que o seu objectivo é o de saber se os homens conservam a sua fé em Jesus. É, pois, necessário que estejamos perfeitamente elucidados sobre este assunto.

Como todos sabemos, os Cristãos da última geração passarão por uma experiência que os qualificará para atravessar vitoriosamente o tem pode angústia e subsistirem por ocasião da vinda de Jesus nas nuvens dos céus. Estou convencido de que verão claramente as relações que existem entre a observância do Sétimo Dia e a justificação pela fé, e que, por consequência, não-de observar aquele dia.

Julgo que é necessário, antes de mais, definir, de novo, o que é a justificação pela fé. Para mim, significa que

temos plena confiança em Deus, baseada na Revelação, que acreditamos tudo o que ela nos diz, que nos submetemos a ela aconteça o que acontecer. Se verdadeiramente tivermos uma tal fé, estamos seguros da nossa salvação. É por isso que a fé é a única coisa necessária para irmos para o céu.

O objectivo principal da observância do Sábado é o de contribuir para desenvolver em nós uma confiança ilimitada em Deus. Não se trata de uma simples obediência legal, mas antes de um meio destinado a ajudar-nos. Jesus disse: «O Sábado foi feito para o homem e não o homem para o Sábado» (Marcos 2:27).

Como é que o Sábado do Sétimo Dia fortalece a nossa fé em Jesus? A Bíblia declara (Êxodo 20 e 30) que o Sábado tem por finalidade recordar-nos que Deus é o nosso Criador. Ora, em Col. 1:16, precisa-se que este Criador não é outro senão Jesus Cristo. O Sábado do Sétimo Dia recorda-nos, portanto, que Jesus que veio até nós para nos salvar, também nos criou. Aquele adorável Jesus que morreu no Calvário é também o onipotente Criador do Universo. Deus não encarregou nenhum seu subordinado para vir morrer por nós na terra. Foi o próprio Criador, igual a Deus, que veio desempenhar esta missão. Santificando o Sábado, afirmamos a nossa fé em Jesus, não só como nosso Salvador, mas também como nosso Criador.

Alguns dos nossos amigos Cristãos preferem observar o primeiro dia da semana, no qual vêem o memorial da ressurreição de Jesus. É bom pensarmos neste acontecimento da madrugada de domingo, porque efectivamente, Jesus ressuscitou naquele dia. Mas não seria igualmente bom pensarmos na sexta-feira na crucificação, e na quinta-feira na reunião de Jesus com os discípulos, no Cenáculo?

O único dia de repouso, de que fala a Bíblia é o que foi posto de lado, para nos recordar que o nosso Redentor é o nosso Criador.

Outro Significado do Sábado

Uma outra razão pela qual a observância do Sábado contribui para fortalecer a nossa fé em Jesus é a de nos recordar, segundo Êxodo 31:13 e Ezequiel 20:12, 20, que Deus é quem nos santifica.

A nossa santificação compreende o desenvolvimento harmonioso das nossas faculdades físicas, mentais e espirituais, até que a imagem de Deus, segundo a qual o homem foi criado na origem, seja perfeitamente restaurada em nós. Observar o Sábado, é reconhecer que só o Criador pode cumprir uma tal transformação. Do mesmo modo que teve o poder para nos criar, assim também tem o de nos recriar. Não é maior milagre criar seres humanos, do que restaurar neles a imagem divina original. Por isso David depois do seu grande pecado exclamou: «Cria em mim, ó Deus, um coração puro!» (Salmo 51:10).

Observando o Sábado, manifestamos a nossa fé em Jesus como em Quem nos resgatou e santificou. Nenhum outro dia mencionado na Escritura manifesta tal confiança no nosso Criador.

Uma outra maneira, segundo a qual o Sábado fortalece a nossa fé em Jesus é mencionada no capítulo quarto da Epístola aos Hebreus. Ali, o Sábado é descrito como um tipo e um antegozo do repouso final e da restauração futura. Os filhos de Israel a caminho do país de Canaã não entraram naquele repouso de Deus, por causa da sua falta de fé. Mas os que conservam a sua fé em Jesus podem começar a gozar aquele repouso já nesta vida. E gozará-lo plenamente quando forem admitidos na Canaã celestial, no Éden restaurado.

Guardando o dia de Sábado, participamos, por antecipação daquele Sábado futuro, ao mesmo tempo que manifestamos a nossa fé na Segunda Vinda de Jesus e na restauração de todas as coisas.

Estes três objectivos do Sábado dão à sua observância uma grande importância.

Continua na página 8

De Tripoli a Teerão

O excesso da oferta do 13.º Sábado deste trimestre é destinado à Divisão do Médio-Oriente com o fim de se construir uma nova escola elementar e aumentar a actual escola secundária em Teerão, a cidade capital do Iraque (ou Pérsia).

Imagine que você não é adventista e que é repórter de um jornal. A si é-lhe confiada a tarefa de fazer uma breve viagem profissional ao Médio-Oriente para fazer uma reportagem sobre a obra adventista. No fim da sua viagem você escreve:

«Durante a minha visita a Tripoli, fui informado de que no reino desértico da Líbia, no paraíso do petróleo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem só uma estação missionária constituída por um pequeno hospital e por uma pequena igreja de sessenta membros. Tanto o hospital como a igreja estão alojados em instalações alugadas. Contudo, dentro de dois anos, um novo hospital adventista, cujo custo ascende a um milhão de dólares, estará pronto a funcionar em Benghazi, graças à generosidade da «Esso» e de outras companhias petrolíferas.

«Nesta viagem tornou-se-me claro que o trabalho dos obreiros médicos do pequeno hospital está exercendo uma influência favorável a favor do Cristianismo naquelas paragens, muito embora os missionários não possam fazer o trabalho evangelístico regular. Há pouco tempo o filho de um importante doente da Líbia disse ao Dr. Clifford Ludington: — Eu desejo cursar medicina para depois vir trabalhar neste hospital e ajudá-lo a ministrar ao meu povo.

«Apesar de mais de um terço dos membros da Divisão do Médio-Oriente viverem no Egipto, eu só tive tempo de visitar o Centro Evangelístico do Cairo, na praça de Ramsés. Há cerca de um ano, os membros adventistas tiveram um dia de jejum e de oração a favor desse Centro que, pela Mesa Executiva do Plano de Urbanização, tinha sido destinado a ser demolido, de sorte a dar lugar a um parque junto da está-

tua de Ramsés II. Por razões que se desconhecem, a Mesa mudou os seus planos e optou por um parque mais pequeno, permitindo assim que o Centro Evangelístico do Cairo continuasse de pé — isto depois dos edifícios periféricos terem sido demolidos!

«Tive o privilégio de ser apresentado a seis dos quarenta e sete novos membros que foram baptizados no Centro em 1965.

«Informaram-me também que, perto do Cairo, os adventistas têm uma moderna escola de treino e um novo orfanato.

«Parece-me que os Centros Evangelísticos, nos territórios do Médio-Oriente, são mais práticos que os edifícios normais de igrejas. Gostei de ver o recém-adquirido Centro de Jerusalém. Visitei os centros de Beirute, Damasco e Teerão. Este último oferece vários serviços à Comunidade muçulmana, tais como cursos como 'deixar de fumar', aulas de inglês, conferências e filmes.

«No Jordão tomei tempo para dar uns passeios. Comecei por visitar Belém. Ali disseram-me que os adventistas têm o encargo de iluminar e ornamentar todos os anos a grande árvore de Natal da cidade. Nesse dia, os adventistas tocam música e cantam coros apropriados — alguns pelo famoso quarteto *Arautos do Rei*. Depois seguí os passos do Mestre até Jerusalém e ali calcorreei as ruas da Cidade Santa, subi ao Monte das Oliveiras, fui a Betânia, desci a Jericó, visitei a fonte de Jacob e regressei ao Templo. Vi ainda o Jardim do Getsêmane, o Gólgota e o túmulo de José.

«Durante uma breve paragem em Beirute, no Líbano, visitei o Colégio do Médio-Oriente, a única escola superior nessa Divisão. As aulas são dadas em inglês o que obriga os alunos a passar, pelo menos, um ano a estudar a língua antes de iniciarem o seu curso. Tive a satisfação de saber que esta instituição, agora sob a hábil direcção do Dr. Kenneth Vine, está filiada com a Univer-

cidade Adventista de Loma Linda, na Califórnia.

«Depois da visita que fiz a este Colégio, posso compreender melhor porque razão os obreiros adventistas com quem contactei insistem tanto na necessidade de mais escolas elementares e secundárias nos seus países. Elas são essenciais para alimentar este progressivo colégio.

«Tomei depois o avião para o Iraque, a terra da rainha Ester. O missionário adventista Keneth Harding esperava-me no aeroporto de Teerão e, sem delongas, logo me levou a visitar o Centro Evangelístico, a Clínica Médica e a recém-construída igreja Arménia que foi dedicada pelo presidente dos adventistas, R. R. Fighur, em 1965.

«Em seguida fomos ver a actual escola elementar que se encontra a funcionar num prédio alugado e que já é inadequado para a frequência actual. Durante essa visita vi a pequenita muçulmana Shahrzad Toghray, de 9 anos de idade, que aprendera de cor os Dez Mandamentos e que os recitara num programa especial da igreja adventista local.

«Eu sou um repórter e não um educador. Contudo, ao visitar a escola secundária de Teerão, verifiquei que, durante o culto, mais de metade dos alunos que cantavam hinos eram muçulmanos e, então, pude compreender a razão porque os adventistas têm tantas escolas nos campos missionários. Ficou bem patente no meu espírito igualmente a grande necessidade que têm de uma escola elementar em Teerão, para canalizar alunos para a escola secundária.

«O director desta última escola disse-me que foi feito um sincero apelo aos adventistas de todo o mundo para que, no próximo dia 25 de Junho, todos façam uma oferta liberal para assim ajudarem a melhorar as instalações da escola. Eu tenho a certeza que os adventistas, esse povo missionário por excelência, responderão generosamente a esse apelo dos seus correligionários da velha Pérsia, uma das mais interessantes terras bíblicas que tive o privilégio de visitar nesta minha viagem».

D. L. Chappell

Três grandes perguntas têm preocupado a humanidade, no decorrer dos séculos: Donde vimos? Por que existimos? Para onde vamos?

A Resposta do Sábado

O dia de Sábado tem sempre respondido a estas perguntas.

Donde vimos?

O Sétimo Dia recorda-nos esta declaração do Génesis: «No princípio criou Deus aos céus e a terra».

Por que existimos?

Qual é o melhor uso que podemos fazer da nossa vida.

A resposta do Sábado recorda-nos que o grande objectivo da vida é a nossa santificação, a nossa restauração à imagem de Deus pela fé n'Aquele que, no princípio, havia criado o homem perfeito.

Para onde vamos?

O Sétimo Dia chama a nossa atenção para Segunda Vinda de Jesus, para o repouso final, e para o restabelecimento de todas as coisas.

Visto o Sábado ter uma tal importância, é muito natural que o grande adversário se encarnice em o destruir. O plano de Satanás é o de nos tirar a crença de que Jesus é o Criador. Mas não podia conseguir tal coisa, se o homem guardasse o Sábado. Por isso emprega toda a sua influência para substituir o Sábado por qualquer outro dia.

Este dia substituto foi hábilmente escolhido.

O primeiro dia da semana já há muito que era uma festa pagã: o grande e santo dia do Sol. Já tinha sido observado, muito cedo, pelos descendentes de Caim, pouco depois do encerramento do Jardim do Éden. Caim recusara-se a reconhecer a necessidade de um Salvador e de aceitar Jesus como seu Redentor. Mas, todas as semanas, o Sétimo Dia lembrava-lhe a sua verdadeira condição. Então, tendo abandonado a

Conclui no próximo número

Ellen G. White

e a Pregadora de «Línguas»

por D. A. DeLafield

Num sonho profético dado a Ellen G. White longos anos atrás, em Tyro-ne, Michigan, o Senhor revelou à sua mensageira a experiência de uma mulher iludida que se julgava tão boa a ponto de prescindir dos Dez Mandamentos. Esta senhora que, ocasionalmente, desatava numa algaravia que ela chamava de «línguas», gabava-se de ter sido chamada para ser missionária aos índios. Evidentemente ela achava ser isto uma verdadeira manifestação do divino Espírito e que, de facto falava num dialecto dos índios. Mas ela era uma mulher impura, que viajava pelo país com um homem que não era seu marido, enquanto seu próprio esposo, um homem mais idoso, permanecia em casa e trabalhava para pagar as aventuras da mulher.

A irmã White contou o sonho ao Pastor Loughborough e entregou-lhe uma narração escrita do que lhe fora mostrado. Algum tempo depois, a Sr.^a White, seu esposo e João Loughborough defrontaram-se face a face com essa mulher, numa reunião em Vergennes, Michigan, efectuada num grande celeiro. Era sábado de manhã. Tiago White pregava o sermão. João Loughborough estava sentado numa cadeira, perto da Sr.^a White, na tosca plataforma do púlpito.

Algum tempo após o início da reunião, dois homens e a mulher entraram no celeiro. Um dos homens era idoso, e outro ainda jovem. A mulher era alta e de aparência devota. Os dois homens sentaram-se na frente, perto do orador, mas a mulher permaneceu próximo da porta da entrada. A Sr.^a White reconheceu imediatamente estas pessoas, pois as vira em visão e escrevera a respeito delas. João Loughborough lera o

relato dessa visão, estando portanto inteirado da situação. Virando-se para ele, disse a irmã White: «Está vendo aquela mulher que acaba de sentar-se junto à porta? Ela é a mulher a quem vi na visão. O homem idoso aqui na frente é seu marido, e o moço de casaco verde, assentado ao lado dele, é aquele com quem ela está viajando pelo país. Quando Tiago acabar de falar, relatarei a visão, e o senhor verá se são as pessoas descritas na cópia que tem no bolso.» — Ella M. Robinson, *Lighter of Gospel Fires*, pág. 83.

A Sr.^a White passou a explicar que após ela haver-se desincumbido da repreensão que Deus lhe dera para transmitir a essa mulher corrupta e ao jovem, a mulher se poria em pé e diria com santimónia: «O Senhor conhece o meu coração.»

Quando a Sr.^a White se levantou para falar, leu Isaías 52:11: «Purificai-vos, os que levais os vasos do Senhor.» Discorreu solenemente sobre a santidade do serviço do Senhor e a importância de que os mensageiros do Senhor sejam santos e puros na vida e no carácter. Acrescentou então: «Se o Senhor chamasse uma mulher ao ministério, ela não viajaria pelo país com outro homem que não é o seu marido.» — *Ibidem*.

Continuou a Sr.^a White: «Amigos, aquela de quem falo está exactamente aqui perante nós. Aquela mulher alta, que entrou e se assentou perto da porta, alguns minutos atrás, pretende ser muito santa. Também pretende possuir o dom de línguas. As palavras que ela profere ruidosamente são simples algaravia. Ela não fala língua alguma. Se cada nação sobre a Terra a ouvisse, nenhuma delas compreenderia algo, pois

a mulher não fala qualquer idioma. Esta senhora pretende possuir uma santidade tão elevada a ponto de não ter necessidade dos Dez Mandamentos. Este homem idoso no assento da frente é seu marido. Deus tenha piedade dele! Moureja em casa a fim de ganhar o dinheiro para ela viajar pelo país com este jovem que está sentado ao lado dele — sustentando-os em sua iniquidade.» — Idem, pág. 84.

Quando a irmã White acabou de falar, a pregadora de «línguas» pôs-se de pé e declarou com ares de santidade: «O Senhor conhece o meu coração.»

João Loughborough ficou profundamente impressionado. Como sabia a irmã White estas coisas? Ter-lhe-ia sido impossível saber o que aconteceria nessa reunião em Vergennes, se não lhe fosse revelado o futuro.

Após o almoço, a mulher que professava tal santidade, convocou uma reunião por sua própria iniciativa. Enquanto falava, começou a matracar algumas palavras em «línguas.» O Pastor Loughborough ouviu o que ela disse. Era uma mixórdia de palavras, mais ou menos como: «Quene, queni, quepo, quene, quene, quene, quenioe». Parecia o matraquear duma metralhadora.

No dia seguinte à reunião de sábado no grande celeiro, esta senhora convocou outra reunião numa escola nas imediações desse local. Falou sobre o assunto da santidade. Explicou então que o Senhor lhe concedera o dom de línguas. Esclareceu que este «dom» destinava-se a habilitá-la para ser missionária entre certa tribo de índios que vivia próximo do rio Flat.

O Senhor dominou a situação, pois enquanto ela estava falando, quem apareceu em cena foi um índio pertencente a essa mesma tribo. Realizara uma excursão de caça, e alguns rapazes o convidaram para ir à escola ouvir a mulher falar em sua língua.

«O caçador índio tomou assento perto da porta e encostou a espingarda à parede. Ao vê-lo, ela prorrompeu em seu 'Quene, Queni.' O índio fixou-lhe o olhar, levantou-se de um salto,

agarrou a espingarda e saiu precipitadamente da casa, exclamando: 'Muito mau linguajar aquele!' Os rapazes seguiram-no e perguntaram: 'Que disse ela?'

— 'Nada. Ela não falava linguagem alguma.'» — Idem, pág. 85.

A pobre alma fora enganada por Satanás. Isto porém não constituiu o fim do fiasco. Não muito tempo após a reunião de domingo, seu enteado, que não acreditava na missão dela aos índios providenciou que ela falasse a um intérprete. Ele prestou atenção ao seu jargão, e quando lhe perguntaram o que pensava, ele replicou com desagrado: «Tenho sido intérprete para dezessete tribos diferentes de índios, e ela não proferiu uma única palavra índia.» Isto acabou com a influência desta pregadora de «línguas.» Evidentemente, ela se enganara a si própria.

O jovem que a irmã White acusou de pecado teve de admitir mais tarde que tudo o que ela dissera era verdade.

«Deus não outorga Seus dons para ocioso entretenimento das multidões,» escreveu alguém que conheceu bem a Sr.^a White. Dizia muitas vezes o Pastor Loughborough: «O Senhor deu o dom de línguas aos seus apóstolos no Dia de Pentecostes para possibilitar que transmitissem o evangelho de salvação num dia a milhares de pessoas reunidas em Jerusalém, oriundas das várias regiões linguísticas da Europa e da Ásia.»

«Nos tempos modernos este dom, em ocasiões especiais, tem sido outorgado a fiéis missionários a fim de capacitá-los para pregar ou interpretar a história do evangelho em idiomas que eles não conhecem.» Idem, pág. 86.

Os adventistas do sétimo dia devem ler o que Ellen G. White escreveu sobre o fenómeno das «línguas» nas igrejas de seu tempo, em *Testemunhos Selectos*, Vol. 1, págs. 161 a 171. Estas palavras encerram especial significado nos dias actuais em que existe tanta agitação nalgumas igrejas a respeito da glossolalia, o dom de línguas. Nosso único receio quanto ao futuro é que esqueçamos as lições do passado.

A PREGAÇÃO LAICA

E. W. Petersen

Secretário da Divisão Norte-Europeia

No princípio, o Cristianismo brilhava em todo o seu fulgor — a sua doutrina era pura, o seu poder dinâmico e as suas obras poderosas. E era, inegavelmente, um movimento do povo, um movimento dos leigos.

Os homens que Jesus reuniu em torno de si, tornando-os nos seus mais íntimos associados, eram um conjunto mesclado de indivíduos sem educação, provindo dos ambientes mais vulgares. Eram leigos. Os setenta, que o Senhor chamou e doutrinou, confiou um mandato, e revestiu de poder e, finalmente, enviou a pregar, eram leigos (Lucas 10). Contudo, aqueles leigos «encheram Jerusalém com a sua doutrina» (Actos 5); e a sua pregação que perturbou as pessoas instruídas daquele tempo, era uma pregação laica.

Os crentes que estavam «dispersos» e que «iam de lugar em lugar, anunciando a boa nova» (Actos 8) eram leigos.

Dois pregadores leigos itinerantes, dos quais um era um artífice, foram acusados de terem perturbado o mundo com a sua pregação. (Actos 17).

Assim, a noção da pregação que dá o Novo Testamento é, primordial e, essencialmente da pregação laica. As prerrogativas reais de pregar a Palavra, enquanto iguais e associadas num sacerdócio, que aceita todos os crentes sem distinção, e sem discriminações, são concedidas a todos quantos reconhecem Jesus de Nazaré como seu senhor e seu Mestre. «Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre; — e todos vós sois irmãos» (Mateus 23:8). «Vós sois ... um sacerdócio real» (I Pedro 2:9).

O mandato divino «ide e pregai» é a sua credencial; o Espírito Santo reforça-a com a sua autoridade. Tão

grande foi a piedade e o zelo destes pregadores leigos e tão poderosa a sua pregação que o nome de Jesus foi, em trinta anos, proclamado em todo o mundo conhecido de então.

Declínio da Pregação Laica

A indiferença e a profunda obscuridade da apostasia geral em que caíram os homens nos séculos seguintes, foram as consequências naturais do abandono, da «fé que uma vez foi transmitida aos santos», e dos métodos indicados por Deus para se travar uma luta ardente. Levantaram-se homens cheios de pensamentos arrogantes e «falando de uma maneira perversa», que chegaram, pouco a pouco, a estabelecer-se como senhores dos seus irmãos e que se arrogaram o monopólio da pregação.

Os mais sombrios capítulos da história humana foram escritos pelo clero e pelos poderes eclesiásticos que se alcandoraram a si mesmos como mestres naqueles séculos em que relegaram os leigos para o esquecimento, em que lhes roubaram os seus direitos e os seus deveres espirituais, e lhes denegaram as suas obrigações sagradas como ministros do «sacerdócio real». A pregação laica tornou-se um crime punível de morte e a cristandade mergulhou nas sombras da corrupção, da maldade e do sangue.

Mas o plano eterno do Senhor não pode ser mudado pelo homem pecador. O moinho de Deus vai moendo docemente, mas também muito finamente.

la despontar o dia em que a luz do Evangelho iria brilhar, uma vez mais no seu esplendor e na sua glória primitiva, e em que os leigos iriam participar, de novo, na proclamação do

nome de Jesus até os confins da terra.

O renascimento, no século dezanove, do puro Cristianismo de que, nós hoje, somos herdeiros, era, antes de mais, um movimento laico. Os pioneiros da Mensagem Adventista eram, sobretudo, oriundos do povo — o género de homens que Deus podia empregar para cumprir o seu propósito. Embora tenha havido notáveis excepções «a mensagem era pregada quase exclusivamente pelos leigos. (*Conflito*, pág. 418). Tiveram uma visão da conquista do mundo. Foi por meio de um sacerdócio restaurado de todos os crentes, cheios de entusiasmo, de devoção e de fervor apostólicos que ela se devia realizar.

«Todas as almas salvas por Jesus são chamadas a trabalhar em Seu nome para a salvação dos perdidos». — *Serviço Cristão*, pág. 10.

Quem é que é chamado a tornar-se pregador leigo? Embora no sentido mais lato da palavra todos os que professam a verdade sejam pregadores vivos, a definição do nosso departamento especifica que a pregação laica é um campo especial missionário que exige «meios e dons». Ao mesmo tempo, a experiência tem mostrado de maneira convincente que o dom da pregação está muito mais espalhado do que geralmente se pensa. Em muitas pessoas deve ele ser simplesmente descoberto, encorajado e desenvolvido. É-nos revelado que Deus tem hoje na sua Igreja, para a pregação laica, um potencial poderoso, que ainda não foi utilizado.

«Apontaram-me — diz a Irmã White — como um exemplo da pregação da verdade ao mundo, com clareza e poder». — *Medical Ministry*, pág. 305.

«Serão retirados homens de trás da charrua, da sua vinha, ocupados noutras actividades, e enviados pelo Senhor para levarem esta mensagem ao mundo.» — *Testemunhos*, vol. VII, p. 270, 271.

Trata-se de pregadores leigos!

E quando é que esta visão se transformará numa realidade viva?

No fim da história desta terra, isto é, agora.

Em certos campos da Divisão, te-

mos pregadores leigos, aos milhares, que estão ganhando milhares de almas preciosas todos os anos. Por que é que não os temos, por toda a parte, e em quantidade proporcional ao número dos nossos membros?

Será porque os leigos do nosso mundo ocidental tenham menos dons ou menos possibilidades para a pregação que os nossos irmãos leigos de outras partes?

Será porque Deus não é capaz de dar, por intermédio dos nossos leigos da América do Norte ou da Europa o que pode dar, e dá, por intermédio dos nossos leigos da América Central, da América do Sul, da Ásia e da Austrália?

Temos nós aqui, menos amor por Deus e pelos homens, ou estamos mais preocupados com os nossos negócios, à custa dos interesses do Pai Celestial?

Talvez que este estado de coisas possa ser mudado por uma visão mais clara, por encorajamentos apropriados e por uma ajuda oportuna. Talvez haja, entre nós, quem sofra de excesso de prudência, embora seja excelente sob outros pontos de vista! Mas tal atitude já era condenada há uns sessenta anos, por esta advertência:

«Deus não ordenou a nenhum empregado ou pastor da Organização que manifeste desconfiança para com a faculdade divina de utilizar todos os membros apreciáveis da Igreja. Esta prudência, assim se lhe chama, retarda quase todos os ramos da Obra do Senhor... Possa ela desaparecer, essa prudência, não santificada, desconfiada... Se os pastores e os homens influentes não quiserem barrar o caminho e deixar que o espírito de Deus actue nos nossos irmãos leigos, Deus indicar-lhes-á o que devem fazer para honrar o Seu nome. Que os homens tenham a liberdade de espalhar o que o Espírito Santo lhes comunica. Não entrem homens humildes que Deus quer utilizar.» Ellen G. White, *Review and Herald*, 9 Julho de 1895.

Este aviso severo dirige-se, apenas, aos que o merecem. Do que todos temos necessidade, é de nos darmos mais claramente conta da grande obra que

temos de realizar no domínio da pregação leiga.

Condições necessárias para se tornar pregador leigo

Em resumo, e em geral, certas qualificações fundamentais, espirituais, e técnicas são exigidas para a pregação leiga, como, de resto, para outras formas de evangelização bíblica, acrescentadas, além disso, com o dom de falar em público. Ora este dom não é assim tão raro, como muitas pessoas estão inclinadas a julgar.

Alguns dos maiores oradores do mundo começaram com maior ambição e coragem, do que com talento e, não obstante, tornaram-se mestres na arte de dizer, graças à prática e à perseverança.

Deus, porém, não procura oradores. Procura, sim, humildes discípulos de Jesus que tocar-lhe permitam os lábios com o carvão ardente do altar celeste.

Os pregadores leigos, como os pastores, não são logo perfeitos de começo; têm necessidade de serem aperfeiçoados, formados, desenvolvidos por Deus e pelos homens.

Um pastor consciente das suas responsabilidades esforça-se por descobrir e formar pregadores leigos. Deve ter sabedoria para orientar para esta actividade, apenas aquelas pessoas que já saibam dar um bom estudo bíblico, dirigir uma reunião numa família, de maneira inteligente, convincente e frutuosa. Deve advertir que «a cultura e o uso da palavra têm a sua importância em todos os ramos da actividade cristã», e que a pregação leiga «se deve esforçar por cultivar o dom da palavra».

— *Parábolas*, pág. 342, 343. Mas também reconhece que a perfeição é um termo relativo. Ensinará, por isso, a falar em público para que se cumpra as condições exigidas a um pregador leigo.

A experiência de Moisés é um encorajamento para os leigos que Deus chama a pregar a Mensagem, na nossa época. Durante quarenta anos, exercera ele uma actividade profana, quando ouviu o apelo do Senhor: «Vem, agora, pois, e Eu te enviarei...».

A sua objecção; «Eu não sou homem eloquente... porque sou pesado

de boca, e pesado de língua», foi desfeita porque era uma pobre desculpa; disse-lhe Deus: «Quem fez a boca do homem?... Não sou eu, o Senhor? Vai, pois, agora e eu serei com a tua boca, e te ensinarei o que hás-de falar.» (Êxodo 4:10-12.)

O esforço de evangelização do pregador leigo

Quando um pregador leigo pensa em lançar uma campanha de evangelização pública, deve expôr os seus planos aos seus colaboradores eventuais, ao pastor e ao director da Sociedade Missionária e agir de acordo com todos eles. Nenhum pregador leigo deverá agir só por si, excepto se se encontrar num lugar em que não tenha mais ninguém para convidar ou para se aconselhar. Em todos os outros casos, deve esforçar-se por ter a cooperação de toda a igreja. Tem de preparar tudo, com cuidado para conseguir uma campanha coroada de êxito. Mas convém fazer as coisas com muita simplicidade, principalmente, quando principia a trabalhar.

A importância da pregação pública dos leigos foi sublinhada pela Conferência Geral. No Conselho de Outubro de 1961, foi recomendado que os leigos capazes sejam escolhidos e instruídos para se tornarem pregadores leigos e encorajados a dirigir pequenas campanhas de evangelização públicas nas cidades e aldeias, onde a Mensagem ainda não tenha penetrado. As reuniões poderão ter lugar em qualquer parte: em salas, escolas, nas próprias capelas.

Há, na Providência divina, períodos particulares, em que nos devemos erguer para responder ao apelo de Deus e utilizar os nossos meios, o nosso tempo, a nossa inteligência, todo o nosso ser, corpo, alma e espírito, para cumprir a sua vontade. Os tempos actuais são um exemplo disto mesmo. Estão em jogo os interesses da causa de Deus» — *Testemunhos*, vol. VI, pág. 469.

Leigo adventista! «Frutifica o dom de Deus que recebeste para a pregação. Está à altura das circunstâncias, do privilégio de servir, da alegria de ganhar almas!»

Através da Seara de Angola

Trabalho Além-Cunene

No dia 12 de Abril do ano em curso, uma equipa de pastores constituída por Esaú Isaías, Carvalho da Silva e Domingos Paulo, iniciou uma visita às Catequeses de Além-Cunene.

Em todas as Catequeses encontramos muito entusiasmo por parte dos membros e dos obreiros. Nalgumas catequeses já todos os irmãos se encontravam reunidos há três ou quatro dias, à nossa espera. Tivemos boas reuniões e ouvimos belos hinos especiais.

Em cada aldeia demos vários estudos bíblicos. De uma maneira especial, salientámos a preparação necessária para nos encontrarmos com o Senhor Jesus Cristo, que em breve voltará a este mundo. Aconselhámos os membros a unirem as suas forças às dos ministros e outros obreiros para a finalização da Obra de Deus nesta terra.

No fim das pregações tínhamos reuniões especiais com os adultos e com os jovens. Para os adultos falámos sobre «O Lar Cristão» e sobre «A Imoralidade na Vida Conjugal». Para os jovens falámos sobre «O Comportamento dentro e fora da igreja» e «A Escolha de Companheiros para a Vida».

As viagens foram feitas de bicicleta. Tivemos muitos problemas com pneus furados, falta de cola, etc. Algumas vezes, em vez de as bicicletas nos levarem, tivemos nós de as levar.

Uma tarde, ao descermos a um riacho, encontramos-nos com uma enorme gibóia que atravessava o caminho. Deixámo-la ir em paz porque apanhámos um susto pois não contávamos com esse encontro!

Prezado leitor, quando éramos tentados ao desânimo, lembrávamo-nos daquele versículo: «Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará sem dúvida com alegria, trazendo consigo os seus molhos.» (Salmo 126:5, 6).

Agradecemos a Deus a Sua ajuda. Nós semeámos. Agora esperamos que Deus dê crescimento e vida à semente.

Domingos Paulo

Classe de Finalistas de 1966 do I. A. B.

Em nome dos 20 finalistas de 1966 venho expressar a gratidão da classe pelo que foi feito por nós durante os anos que passámos no I. A. B.

Os professores mostraram muito zelo e orientaram-nos no caminho que nos levará a sermos úteis na Seara do Mestre.

O professor A. Maurício foi incansável no labor e no desejo de nos ensinar. Com ele estudámos as disciplinas de Daniel e Apocalipse e Evangelismo.

Tivemos também como nosso professor muito simpático e amigo o Sr. Orlando de Albuquerque que nos ensinou Metodologia, Português e Matemática. Não queremos esquecer o nosso pastor e simultaneamente professor Pedro Balança que nos orientou quanto à Vida e Obra do Evangelista.

Queremos deixar aqui expresso o agradecimento ao nosso Director, J. E. Rodrigues, pela paciência que sempre mostrou ao resolver os nossos problemas, quer de dia quer de noite, e pela sua prontidão em ajudar-nos. Ele conduziu-nos pacientemente nos caminhos espirituais.

Na presença do nosso Director, a Classe de Finalistas escolheu, por votação, os oficiais da classe de 1966. A estes coube-lhes a responsabilidade de orientar as actividades dos jovens, sob a orientação do nosso Conselheiro, Prof. A. Maurício.

A Classe de Finalistas deseja ainda manifestar aqui, neste Boletim, a sua gratidão a todos os professores que deram a sua colaboração à nossa educação no passado e, especialmente, desejamos recordar o Sr. Prof. Amílcar G. Lopes, agora longe de nós, mas também obreiro da nossa vitória escolar.

Pedimos a Deus que abençoe o Instituto e todos quantos nele trabalham.

Convidamos todos os jovens a ler Isaías 6:8 e a seguir tão belo exemplo.

Para terminar quero apresentar, em nome dos 20 finalistas, as mais cordiais saudações aos leitores do Boletim.

Jonas Marcolino Samucuanha

Presidente da Classe de Finalistas de 1966

Notícias do Campo

Benguela e Lobito

A seguir a uma semana de oração dos M. V. realizou-se na Praia do Cavaco um acampamento regional da juventude que, além de trabalhos de culinária, classes progressivas, etc., promoveu visitas de estudo a vários centros fabris da região, tais como fábricas de conservas, papel, fibrocimento, fundição, redes de pesca, cordoaria e cortumes.

Foi uma semana aprazível, que não será esquecida e que todos desejam que se repita com brevidade.

Que Deus possa abençoar o trabalho entre os jovens, são os nossos sinceros votos.



Um aspecto do Acampamento de Juventude na Praia do Cavaco

J. Sincer

Missão da Luz

A Semana de Oração dos Missionários Voluntários realizou-se na Missão da Luz de 17 a 23 de Abril.

Tivemos o grande privilégio de ter conosco o Pastor Joaquim Alegria Morgado. Alguns dos nossos membros viram-no pela primeira vez.

A semana de oração foi um incentivo para todos os jovens.

No dia 24 de Abril fomos todos para Natepa. Já ali nos esperavam os pastores Isaias Gonçalves, Elias Manuel, Eduardo Machai, anciãos Diogo da Silva e Ezequiel Vieira e ainda os catequistas da área. Durante as reuniões muito abençoadas que ali tiveram lugar, assistimos à ordenação ao ministério de um obreiro nosso e sentimos a presença do Espírito Santo no nosso meio. O povo de Natepa ficou mais animado após esta festa espiritual.

Celestino Mendes



Alguns membros da Escola Sabatina do Luso

Pastor Guilherme de Almeida

No fim da semana de oração da juventude da Missão da Luz, foi nosso privilégio tomar parte na consagração ao ministério do nosso Ir. Guilherme de Almeida. Esta cerimónia teve lugar na igreja de Natepa, no dia 24 de Abril. Os nossos irmãos de Natepa associaram-se à cerimónia enchendo a igreja. O sermão e a oração de consagração foram feitos por J. Morgado, a investidura por A. Candeias e as boas-vindas por Eduardo Machai. Colaboraram ainda na cerimónia os Pastores Elias Manuel e Isaias Gonçalves.

O nosso Ir. Guilheme de Almeida é obreiro há cerca de vinte anos e tem servido o Senhor em várias responsabilidades e em vários lugares em Angola. Esperamos que o Senhor o continuará a abençoar no seu ministério.

J. Morgado

Escola Sabatina no Luso

Há pouco mais de um mês, iniciámos em casa de uma nossa irmã as reuniões de sábado e, com grande júbilo, vimos que o Senhor nos tem abençoado, pois o grupo tem crescido consideravelmente: é já um número de 15 a 17 pessoas que comparecem às reuniões e esperamos, com a ajuda do nosso bom Deus, que dentro em breve possamos ter um salão, a fim de que muitas mais almas se possam congregar.

Aqui fica pois, um apelo aos nossos irmãos, pedindo as vossas orações pelo engrandecimento deste grupo, quer em número, quer em espiritualidade.

Aceitai as saudações dos vossos irmãos em Cristo Jesus.

Maria Lourdes Xavier

A todos os Membros de Igreja
da União Angolana dos A. S. D.

Mui prezados Irmãos:

Acabo de receber uma carta do Irmão Fridlin, Presidente da Divisão Sul-Europeia, chamando a nossa atenção para a seguinte resolução, tomado pelo conselho da Conferência Geral:

«A Igreja Adventista do Sétimo Dia está enfrentando hoje uma responsabilidade terrível mas desafiadora. Restrições, violência e lutas cercam o nosso campo mundial, em várias áreas. Os «sinais dos tempos» impõem uma nova e mais profunda consagração a Deus.

«A Igreja aproxima-se da mais importante convocação jamais empreendida pelos Adventistas do Sétimo Dia: a 50.^a Sessão mundial, a realizar em Detroit, E. U. A., carece de uma medida mais elevada da compreensão da vontade de Deus e da Sua graça para seguir os conselhos do Livro Sagrado e do Espírito de Profecia.

«O Conselho da Conferência Geral na sua reunião da Primavera, apela tanto aos obreiros como aos membros para que fervorosamente busquem ao Senhor e entrem numa dedicação mais eficiente e mais consagrada à verdade presente e à terminação da sua Obra. O Conselho apela, intensamente, a todos os Adventistas em todo o mundo, para que implorem a direcção divina de uma maneira particular sobre a escolha dos dirigentes e sobre a elaboração de planos para o próximo quadriênio.

«RECOMENDAMOS QUE — seja promulgado a todos os membros em todo o mundo, um apelo à oração e que seja estabelecido um período especial de intercessão em culto público e privado, de 4 a 25 de Junho, durante a Sessão da Conferência Geral.»

Espera-se que cada Igreja e cada membro, tome parte neste período especial de intercessão, em devoção pública ou privada, de 4 a 25 DE JUNHO DE 1966.

Ao nos aproximarmos desta importantíssima Sessão da Conferência Geral, com representantes de todo o mundo, estamos certos de que os Irmãos se reunirão para a oração e súplica a favor da Igreja e do trabalho a realizar.

Jamais vivemos em tempos como estes e, como União, fazemos votos para que estes dias de oração, assim como a Sessão da Conferência Geral, que se aproxima, possam renovar a energia da Igreja e levar-nos a mais vastos feitos no campo espiritual e evangelístico.

Que o Senhor vos continui a abençoar.

Vosso Colaborador na Seara do Mestre
Everett Laverne Jewell